

As mulheres e o mundo

Às vésperas de mais um Dia Internacional da Mulher, o Jornal Pastoral quer ajudar no debate sobre o papel que as mulheres têm no mundo contemporâneo. O que elas pensam sobre o seu papel na sociedade? E na Igreja? Houve avanços nos últimos anos ou as mulheres ainda estão segregadas a papéis secundários no mundo da política e no mercado?

A Arquidiocese de Mariana promove este mês, mais um En-

contro de Mulheres. Um espaço onde o protagonismo feminino é garantido e onde as suas experiências são objeto de debate e promoção de igualdade não só entre os sexos, mas entre todos os seres vivos que habitam nossa “Casa comum”. Em encontro no Vaticano o Papa Francisco disse: “A Igreja é mulher. É a Igreja, não o Igreja”.

PÁGINAS 6 E 7

Imagem peregrina

A Imagem Peregrina de Nossa Senhora Aparecida chegou, no final de janeiro, à Região Centro da Arquidiocese de Mariana. Foi recebida com festa na cidade de Piranga e já está circulando em outras paróquias por toda a região. Nos próximos meses ela vai

visitar escolas, hospitais, asilos e repartições públicas, deixando uma mensagem de paz e esperança. No dia 24 de abril, segue para a Região Leste. Confira as cidades por onde a imagem vai passar.

PÁGINA 4

Formação Continuada

“O Papa Francisco proclamou na bula *Misericordiae Vultus* (O Rosto da Misericórdia), o Ano Santo da Misericórdia. Ressaltou a grandeza da misericórdia divina e, ao mesmo tempo, a importância de os fiéis aplicarem em sua vida a virtude da misericórdia. Mas, em que consiste, exatamente, essa virtude? O que é, afinal, a misericórdia? É a partir deste questionamento que vamos pautar a nossa reflexão.” Leia mais no texto do padre José Geraldo de Oliveira.

PÁGINA 9



2016

ANO DA MISERICÓRDIA

Pastoral da Comunicação

Estão abertas as inscrições para o 5º Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação (Pascom), que acontece de 14 a 17 de julho, no Centro de Eventos Padre Vítor Coelho de Almeida, em Aparecida (SP). Com o tema “Comunicação e Liturgia”, o evento tem como objetivo aprofundar a compreensão e o serviço da comunicação no campo da Liturgia da Igreja. Os interessados devem fazer inscrição até 31 de maio pelo hotsite: encontronacionalpascom.cnbb.org.br.

PÁGINA 8

As estatísticas mostram ainda o descaso e o desrespeito à mulher na sua dignidade existencial, social, econômica e cultural. O tempo passou, mas a discriminação arrogante sobre a mulher ainda pervardec. A visão machista, escondida no *marketing* travestido de cultura feminina da moda, da arte e cultura dos tempos modernos, consegue ludibriar sentimentos e pensamentos diversos. A figura da mulher televisiva e ressaltada pela mídia dá a entender que a mulher cresceu no universo masculino ou no preconceito que impera nas mentalidades dominantes. A elite não aceita concorrência à sua predominância econômica e sociocultural. Nesse contexto de sobrevalência do homem, a mulher não tem vez; só alcançará passo maior se estiver sob a batuta do homem, do que manda, do mandatário, do que administra até que ponto ela pode ou não ascender e ocupar seu espaço. Hipocritamente, se estampam o rosto e o corpo da mulher para o olhar prazeroso das mentes dominadoras. Mas há o que fazer?

As mulheres têm dado provas de sua capital presença no cenário e realidade de organização social e humana. Muitas lideranças femininas, em todos os campos e situações diversas, fortalecem a luta pela sobrevivência ética e valorização feminina. Quantas mães guerreiras, solteiras e casadas, jovens e estudantes, coordenadoras de bairros, pastorais e movimentos populares, sindicatos e associações, partidos políticos e grupos de luta (MST, Movimento Fé e Política, Mulheres Marginalizadas e outros), são a chama acesa do ser feminino cada vez mais atuante na história da humanidade. Na grande maioria das manifestações públicas, a presença da mulher é maioria ativa de uma força incomum de luta, organização e planejamento em favor da vida. Esta é a resposta da mulher de hoje ao descaso e desvalor impostos.

Na Arquidiocese de Mariana, pela segunda vez, o Encontro de Mulheres, em Congonhas, nos dias 4 e 5 de março, enfatiza o protagonismo da mulher frente aos desafios e enfrentamentos. Temas, como violência, política, igreja, relação de gênero, direitos, crianças/adolescentes, levam a motivar a grande participação das mulheres que se envolveram nesse encontro. A conscientização e a força organizativa são chave para qualquer grupo se fortalecer na busca de seus direitos e alcances. Esta arquidiocese tem uma destacada atuação de mulheres nos meios urbanos e rurais, cuidando da vida e corresponsabilizando-se com o planeta. As mulheres organizadas são estímulo para tantas outras que se encontram em estado deprimente de marginalização e isoladas da sociedade do bem viver.

O Papa Francisco, desde que assumiu o pontificado, também vela e preza a participação da mulher nas instâncias da Igreja. Na liturgia e nas atividades eclesiais, é fundamental que a mulher se apresente para viver o papel e atuação importantes. Cada qual tem seu contributo na formação das consciências e nas ações em favor da vida. A opressão, sofrimentos e situações de exclusão social são erradicadas quando elas se unem e se organizam, buscando favorecer a vida em primeiro lugar. Os homens também ganham com a ascensão feminina crescente e parceira na condução da existência digna para todos.

Dacom



Ano da Misericórdia III

Dom Geraldo Lyrio Rocha

Arcebispo de Mariana

Na bula intitulada *Misericordiae Vultus*, na qual é proclamado o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, o Papa Francisco recorda as parábolas nas quais Jesus revela a natureza de Deus como a de um Pai que nunca se dá por vencido enquanto não tiver dissolvido o pecado pela compaixão e pela misericórdia. Diz o Papa: “Conhecemos estas parábolas, três em especial: as da ovelha extraviada, da moeda perdida, e do pai com os seus dois filhos (cf. Lc 15, 1-32). Nestas parábolas, Deus é apresentado cheio de alegria, sobretudo quando perdoa. Nelas, encontramos o núcleo do Evangelho e da nossa fé, porque a misericórdia é apresentada como a força que tudo vence, enche o coração de amor e consola com o perdão”.

A seguir, o Papa recorda que, diante da pergunta de Pedro sobre quantas vezes deveria perdoar, Jesus respondeu: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18, 22) e, a seguir, Jesus contou a parábola do “servo sem compaixão” que suplicou que o patrão lhe perdoasse sua grande dívida, mas, imediatamente depois, não soube perdoar seu companheiro que lhe devia apenas alguns centavos. Tendo sabido do fato, o patrão se zangou e disse àquele empregado: “Não devias também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?” (Mt 18, 33). E Jesus concluiu: “Assim procederá convosco meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar seu irmão, do íntimo do coração” (Mt 18, 35).

O Papa nos convida a deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança e a nos inspirarmos na bem-aventurança proclamada por Jesus: “Felizes os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5, 7).

Na Sagrada Escritura, “a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco e acrescenta que assim como o Pai ama, também os filhos devem amar. Assim como o Pai é misericordioso, também nós devemos ser misericordiosos. Daí o

Papa conclui que toda a ação pastoral da Igreja deveria estar marcada pela ternura no modo de se dirigir aos fiéis, como também no anúncio e testemunho que oferece ao mundo. Na Igreja, nada pode ser desprovido de misericórdia. “A credibilidade da Igreja passa pela estrada do amor misericordioso e compassivo”. Com humildade, o Papa Francisco reconhece que “talvez, por muito tempo, nos tenhamos esquecido de apontar e viver o caminho da misericórdia. Por um lado, a tentação de pretender sempre e só a justiça fez esquecer que esta é apenas o primeiro passo, necessário e indispensável, mas a Igreja precisa de ir mais além a fim de alcançar uma meta mais alta e significativa”.

Com realismo e em tom profético, o Papa também constata que “é triste ver como a experiência do perdão na nossa cultura vai rareando cada vez mais. Em certos momentos, até a própria palavra parece desaparecer”. Com otimismo e esperança, o Papa aponta também o caminho a seguir: “Chegou de novo, para a Igreja, o tempo de assumir o anúncio jubiloso do perdão. É o tempo de regresso ao essencial, para cuidar das fraquezas e dificuldades dos nossos irmãos. O perdão é uma força que ressuscita para nova vida e infunde a coragem para olhar o futuro com esperança”.

O Papa Francisco nos recorda que “a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus que, por meio dela, deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa”. E acrescenta: “No nosso tempo, em que a Igreja está comprometida com a nova evangelização, o tema da misericórdia exige ser repropósito com novo entusiasmo e uma ação pastoral renovada. É determinante para a Igreja e para a credibilidade do seu anúncio que viva e testemunhe, ela mesma, a misericórdia. A sua linguagem e os seus gestos, para penetrarem no coração das pessoas e desafiar-las a encontrar novamente a estrada para regressar ao Pai, devem irradiar misericórdia”.

Assine o PASTORAL

Faça seu depósito identificado em nome da Arquidiocese de Mariana, na Caixa Econômica Federal ou Casas Lotéricas,
Agência: 1701 - Conta: 583-3
Operação: 003 e envie email com seus dados e confirmação de depósito para assinaturaspastoral@gmail.com

Valor da assinatura: R\$ 25,00 anual (12 exemplares)

PASTORAL Expediente

Periódico mensal, fundado em fevereiro de 1991, em Mariana/MG

Endereço: Rua Dom Silvério, 51 Centro. CEP 35420-000 - Mariana/MG.

Tel.: (31) 3557 3167

Email: jornal.pastoral@yahoo.com.br

Diretor: Pe. Wander Torres Costa

Jornalista: Marcelo Martins - MG 06241JP

Conselho Editorial: Edina da Silva, Ester Trindade, Pe. Geraldo Martins Dias, Pe. José Geraldo de Oliveira, Pe. José Maria Coelho da Silva, Pe. Paulo Barbosa, Pe. Wander Torres, Carlos Heitor Fideles

Dacom: Jornalista - Bruna Sudário

Estagiária - Carol Vieira

Produção: Editora Dom Viçoso. Rua Cônego Amando, 131 • São José

CEP 35420-000 - Mariana MG • Tel.: (31) 3557 1233

email: edv@graficadomvicoso.com.br

Tiragem: 2.000 exemplares.

“Onde está Deus?”

O *Jornal Pastoral* deste mês traz uma entrevista com o bispo da prelazia do Marajó, dom José Luís Azcona. Nascido em Pamplona, na Espanha, mora no Pará desde 1987 e enfrenta, com absoluto sentimento cristão, as dificuldades de evangelizar em terras onde a violência e a falta de estrutura são problemas crônicos. Segundo dom José Azcona, o desafio é o resgate das pessoas, totalmente desprovidas de esperança. “O povo se pergunta: se as autoridades só realizam o bem privado e a realidade não muda, onde está Deus?”.



PASTORAL: O que é mais difícil enfrentar na região onde o senhor mora, a violência ou a falta de estrutura básica para o povo?

DOM JOSÉ AZCONA: O que é mais difícil de enfrentar é a situação de uma sociedade esfacelada, que perdeu o sentido de sociedade humana a partir do próprio conceito e exercício de autoridade legal estabelecida. Aqui entre nós, perdeu-se o sentido de autoridade dedicada à proteção, autoridade legítima. Perdemos a autoridade legal, e legal porque foram escolhidas democraticamente, pois a autoridade perdeu o moral para poder dirigir, ordenar a sociedade segundo leis e comportamentos apropriados para a realização desta sociedade. Aqui a autoridade se constitui inimiga da própria sociedade no sentido de que ela não é somente conivente, mas promove, ou se autopromove como autoridade injusta. Portanto, a condição de legitimidade da autoridade está tirada por completo.

A partir daí pode-se, pelo menos entre nós do Marajó e diria no norte do Pará e do Amapá que eu conheço faz 31 anos, perceber a impenetrabilidade da ideia de justiça, equidade e de bem comum na mente e no exercício de autoridade daqueles que estão constituídos como tais. A realidade é péssima, a pior, porque além disso tem a influência emblemática, completamente negativa da autoridade que incide nos outros para a imitação daquilo que é perverso. A autoridade mesma se dedica a perverter as noções básicas de ética, de moralidade, de respeito aos direitos humanos, aos fundamentos da justiça. Em uma palavra, à dignidade humana.

O povo chegou a uma demolição ética, realizada de modo sistemático pelas próprias autoridades, de maneira que atualmente a sensibilidade ética para reagir ou a possibilidade moral está muito atenuada para empreender um novo caminho, para iniciar uma trilha consistente em cima do que é verdade, do que é justiça, do que é bem comum, do que é dignidade humana. Esse processo de demolição dos princípios básicos de uma sociedade continua entre nós e portanto esta realidade influencia com muita força nas convicções de fé, de esperança e de caridade.

PASTORAL: Há uma interferência direta na fé da população?

DOM JOSÉ AZCONA: O povo se questiona assim: se nossas autoridades tem um comportamento contraditório e em vez de realizar o que tem que realizar que é o bem comum, realizam o bem privado de modo sistemático e a realidade não muda, a realidade perversa se perpetua, onde está Deus? Nosso povo é profundamente religioso. Existem apenas alguns ateus que procedem da universidade, mas o povo é muito religioso, o que não quer dizer que sejam cristianizados. Nessa religiosidade popular, não se compreende ainda como Deus é Providente, como Deus é Pai, permitindo que tamanhos desaforos, tamanhas injustiças se perpetuem secularmente com uma desfaçatez e amoralismos inéditos em toda a história. Isto acabou se tornando uma causa gravíssima para a confissão de fé. Até

a esperança teológica, a grande esperança que fala o grande Papa Bento XVI, fica também sem base e a caridade e o amor ao ver esta crueldade estabelecida de crimes de estado que se perpetuam, também ficam arrefecidos. Então esta é ao meu modo de ver, do ponto de vista institucional, aquilo que define nossa sociedade marajoara e pelo que conheço, a sociedade amazônica.

PASTORAL: Em um ambiente deste, tão deteriorado eticamente, quais as soluções práticas o senhor enxerga? O que pode ser feito em um ambiente deste descrito pelo senhor?

DOM JOSÉ AZCONA: Não tem mais saída prática senão a fé. A fé, no sentido de salvação que vem de Deus através de Jesus Cristo e que se faz presente por meio do Espírito Santo. Aí está o máximo de desafio. Ao meu modo de ver, os humanismos puramente humanos, como se levantaram na Igreja depois do Vaticano II, são obsoletos e não tem realismo nenhum aqui, na nossa experiência libertadora que leva consigo a pregação do evangelho. E por isso, o maior desafio pastoral é de fazer o povo passar de uma intensa e profunda religiosidade popular ou piedade popular para a fé em Jesus Cristo como único senhor e salvador pessoal, familiar e social. Do contrário, em muitas ocasiões, a exuberância, a superabundância da piedade popular, afogam a mensagem cristã.

Pensemos, por exemplo, na confusão em não ver a diferença entre piedade popular, até com verniz cristão e católico, da fé mesmo. A fé que transforma a pessoa. O encontro pessoal com Cristo de que fala *Aparecida* “encontro transformante”. Porque o povo tem constantemente aqui entre nós, encontros pessoais com Cristo mas não transformantes da pessoa, da família e da sociedade. Isto porque não tendo o encontro pessoal com Cristo, os sacramentos, em concreto a eucaristia, não se evidenciam como o ponto central do que é salvação pessoal do povo e da vida eterna. Como disse um historiador da Igreja no Brasil, e que se pode aplicar de um modo emblemático à nossa realidade marajoara, “a Igreja brasileira é uma Igreja de muita procissão, mas de pouca missa”. Então, a base sacramental do cristianismo entre nós, sobretudo a Eucaristia que é o centro da comunidade, não é valorizada suficientemente e por isso como a comunhão gera impulso transformador, entre nós tampouco, a fé leva à história.

A piedade popular entre nós é mais subjetiva e só aparece na procissão. Na procissão se reza porquê? Para a cura do câncer do teu filho, para que minha filha entre na Universidade Federal do Pará e na faculdade de medicina que é muito difícil. Mas um projeto comum, de libertação e de dignidade humana para o Marajó a partir da fé, a partir portanto do sacramento da Eucaristia, não existe. Daí o compromisso sócio-transformador entre nós é fraco. Mais ainda, onde tem Comissão de Justiça e Paz que tem em quase todas as paróquias, e quando ela é dinâmica e comprometida, dentro da própria Igreja existe crítica e posicionamento contrário. Temos que entender que a fé cristã é uma fé na história, do contrário é aparência,

gnosticismo e se não entrar na história é uma deformação total. Essa dimensão histórica e sociotransformadora é um desafio que nasce da pregação autêntica da salvação, da vida eterna. Quer dizer, entra a atitude da esperança da vida eterna.

E como figurar esta navegação que vivemos aqui nesta vida terrena até o porto definitivo onde nos aguarda Nosso Senhor e portanto o futuro marca o presente comprometido tirando todos os medos, até do martírio? Isto não está na consciência nossa ainda. E por aí vem os maiores desafios.

PASTORAL: Existe outro aspecto que dificulta este caminho?

DOM JOSÉ AZCONA: Sim. Há um segundo ponto, que ao meu modo de ver, é o pentecostalismo. O pentecostalismo que é a transposição ideológico religiosa da parte magia que existe na religiosidade popular ou piedade popular, ao nível do controle do poder de Deus em favor do meu bem, da minha prosperidade, do meu êxito na vida. Entre nós a devoção a São Sebastião, à Santa Rita ou Santa Mônica ou qualquer que seja, às vezes se expressa assim: Santa Rita é mais poderosa que São Sebastião e faz mais milagres. O pentecostalismo entra na mesma, colocando o Espírito Santo na pneumatologia, aquilo que na falta de uma cristologia acontece entre nós, indo para o mundo dos santos, legítimos e maravilhosos e que eu também cultuo e recomento, sobretudo Nossa Senhora. É o mesmo nível pentecostal da teologia da prosperidade, hoje não só na Igreja Universal do Reino de Deus. Pelo menos aqui no Pará e na Amazônia a Assembleia de Deus de um modo sinceramente vergonhoso, adorando ao dinheiro e não resistindo à proposta de satanás, que na terceira tentação de Mateus ofereceu o reino deste mundo.

Em um Marajó completamente abandonado secularmente, somente a experiência da fé pode levar ao compromisso e à comunhão que se estabelece na nossa filiação real. Vocês não receberam um espírito de covardes, de escravos para permanecerem no terror, vocês receberam um espírito de vivos e a realidade de vivo. Como diz São João: “somos chamados de filhos e não somente somos chamados; de fato o somos”. Portanto, todo homem e toda mulher, especialmente o mais pobre, nasceu para Deus, para o encontro com Deus. E este elemento do encontro é constitutivo da fé cristã, a fé no Cristo Crucificado.

Não pregamos, no Brasil, a fé no Cristo Crucificado. Se não entrarmos na cruz de Cristo como vai surgir a salvação? Impossível. Iremos cada vez mais ficando no papel, na rotina e na pastoral de manutenção. Nunca numa pastoral verdadeiramente missionária. Temos perdido aquele elã profético que em outros tempos tínhamos na Igreja do Brasil. É uma acomodação, uma reflexo daquilo que o Papa Francisco chama de “globalização da indiferença e da covardia”. Isto amarra, amordaça a potência da profecia entre nós. A começar entre padres e bispos que deveriam estar na frente e o povo atrás. Detrás mesmo, num projeto de transformação da sociedade, num poder de Cristo Crucificado.

Imagem Peregrina chega à Região Centro

A cidade de Piranga, na Região Pastoral Mariana Centro, recebeu em festa a Imagem Peregrina de Nossa Senhora Aparecida, que chegou à cidade no dia 31 de janeiro. Todas as 51 comunidades que compõem a paróquia de Piranga, assim como as 9 paróquias que compõem a região participaram da acolhida.

Para acolher bem a todos os fiéis na cidade, várias equipes de trabalho foram constituídas. A Imagem Peregrina chegou em um carro aberto na Praça do Rosário, vinda de Conselheiro Lafaiete, Região Pastoral Mariana Oeste, onde foi recebida pela multidão de fiéis que a aguardavam com fé.

O vigário episcopal, padre José Raimundo Alves, recebeu a imagem e, em seguida, houve uma caminhada até a matriz da cidade, onde o arcebispo, dom Geraldo Lyrio Rocha, acolheu a Imagem na porta da igreja e presidiu a missa. Após a celebração, houve uma confraternização no Centro de Pastoral Dom Luciano Mendes.

Padre José Raimundo disse que é uma grande satisfação receber a Imagem de Nossa Senhora Aparecida. “Ela simboliza a misericórdia



DACOM

e representa o rosto de Deus perante os mais sofridos, reacendendo a fé”, ressalta.

Visitas

A Imagem Peregrina de Nossa Senhora Aparecida visitou todas as repartições públicas do município de Piranga, hospital, prefeitura, delegacia, asilo, posto de saúde, conselho tutelar, campo de futebol, escolas, além dos enfermos. Padre José Raimundo, é quem conduziu a Imagem, além dos seminaristas João Luiz da Silva, Fabiano de Matos e um grupo de paroquianos.

Segundo o seminarista, João Luiz da Silva, foi uma alegria acolher a imagem de Nossa Senhora. “A visita está

trazendo muitas bênçãos para toda a paróquia. Já se sente isso. A recepção está sendo muito boa com as ruas enfeitadas e com grande participação dos paroquianos nas missas e bênçãos”, conta.

Depois de ser recebida em Piranga, a imagem Peregrina de Aparecida visitou as cidades de Lamim e Rio Espera. No dia 4 de março ela chega a Senhora de Oliveira.

Confira os locais e datas por onde a Imagem Peregrina vai passar na Região Centro: 4/03 a 27/3 – Senhora de Oliveira; 27/3 a 3/4 – Brás Pires; 3/4 a 10/4 – Senador Firmino; 1/4 a 17/4 – Presidente Bernardes; 17/4 a 24/4 – Porto Firme; 24/4 – Saída para Região Leste.

Paróquias abrem as portas ao Jubileu da Misericórdia

O Jubileu da Misericórdia teve início no dia 8 de dezembro de 2015, na Solenidade da Imaculada Conceição, com a abertura da Porta Santa da Basílica de São Pedro. Na Arquidiocese de Mariana o Ano Santo foi aberto na celebração do dia 13 de dezembro, onde o arcebispo, Dom Geraldo Lyrio Rocha, abriu a Porta Santa da Catedral da Sé, em Mariana.

Em circular sobre o Ano da Misericórdia na Arquidiocese de Mariana, Dom Geraldo explica. “O Papa espera que a indulgência jubilar chegue a cada um como uma experiência genuína da misericórdia de Deus, e explicita que, para viver e obter a indulgência, os fiéis são chamados a realizar uma peregrinação rumo à Porta Santa, que será aberta em nossa catedral metropolitana. Na Arquidiocese de Mariana, além da catedral basílica, a indulgência poderá ser obtida também nas demais basílicas, nos santuários e nas igrejas que anualmente celebram Jubileu”.

Confira as igrejas jubilares da Arquidiocese:

Basílicas

1. Nossa Senhora da Assunção – Catedral da Sé – Mariana; 2. Nossa Senhora do Pilar – Ouro Preto; 3. Sagrado Coração de Jesus – Conselheiro Lafaiete; 4. Bom Jesus de Matosinhos – Congonhas; 5. São José – Barbacena.

Santuários

1. São João Batista – Barão de Cocais; 2. Nossa Senhora da Lapa – Antônio Pereira (Ouro Preto); 3. Nossa Senhora do Carmo – Mariana; 4. Nossa Senhora da Conceição/São Francisco – Ouro Preto; 5. Nossa Senhora Mãe dos Homens/Caraça; 6. Nossa Senhora das Graças – Urucânia; 7. Santa Rita – Viçosa; 8. Sant’Ana – Santana do Deserto (Rio Doce); 9. Nossa Senhora da Saúde – Dom Silvério; 10. Bom Jesus do Bacalhau – Santo Antônio do Pirapetinga (Piranga); 11. São Judas Tadeu – Conselheiro Lafaiete; 12. Nossa Senhora da Luz – Conselheiro Lafaiete; 13. Sagrado Coração de Jesus – Miguel Burnier (Ouro Preto); 14. Nossa Senhora da Piedade – Barbacena; 15. Nossa Senhora das Mercês – Mercês; 16. São Sebastião – Raul Soares.

Jubileus

1. Nossa Senhora da Glória – Passagem de Mariana; 2. Bom Jesus – Grota (Jequeri); 3. Nossa Senhora da Conceição – Senador Firmino; 4. Nossa Senhora das Dores – Dores do Turvo; 5. São José – Alto Rio Doce; 6. Sant’Ana – Abreus (Cipotânea); 7. São Caetano – Cipotânea; 8. Sant’Ana – Carandaí; 9. Bom Jesus da Cana Verde – Tabuleiro; 10. São Manoel – Rio Pomba; 11. Nossa Senhora da Boa Viagem – Itabirito; 12. Bom Jesus de Matozinhos – Itabirito; 13. São Gonçalo – Acaiaca.

Nos caminhos do irmão Carlos

Charles de Foucauld nasceu em Estrasburgo (França) e morreu assassinado em 1º de dezembro 1916. De família católica, perdeu a fé à qual voltou após longo processo de busca e conversão: “Quando descobri que Deus existia, descobri também que não poderia viver senão só para ele. Minha vocação religiosa nasceu no mesmo instante da minha conversão”.

Beatificado pelo papa Bento XVI, em novembro de 2005, tornou-se inspiração para vários grupos que bebem, em seu testemunho, a espiritualidade do esvaziamento e do último lugar. Seu ideal de “gritar o evangelho com a vida” anima inúmeros cristãos a buscarem o mesmo. Sua oração de abandono ao Pai alimenta a vida de muitos que se colocam no seguimento de Jesus.

Dentre os grupos que se inspiram no Irmão Carlos, está a Fraternidade Sacerdotal Jesus+Caritas. Voltada para padres diocesanos, ela surge em 1951 com o nome de União Sacerdotal Jesus+Caritas, mudando para Fraternidade Sacerdotal em 1976. Seu propósito é constituir grupos de padres que partilhem sua vida, seu ministério, seus sonhos e fracassos no ideal de fidelidade ao evangelho.

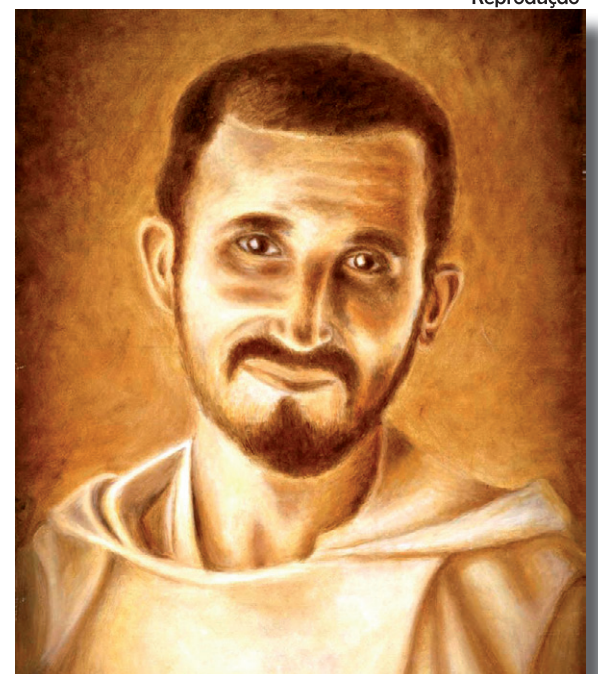
Na Fraternidade, busca-se viver as grandes intuições do Irmão Carlos, que não fundou congregação, não teve discípulos e nem escreveu regra alguma. Seus escritos e seu modo de viver

o evangelho, no entanto, revelam grandes intuições, que se tornaram caminho de fecunda espiritualidade no seguimento a Cristo.

A Fraternidade Sacerdotal é, então, um espaço de partilha da vida e da fé. Sem normas rígidas, ela quer ser um refrigerio no árduo cotidiano dos presbíteros que se entregam no serviço ao povo de Deus. As reuniões acontecem com a regularidade que melhor aprouver ao grupo, embora, o mais comum seja um encontro mensal, o chamado Dia da Fraternidade.

O que marca esse dia? Em primeiro lugar, a oração, preferencialmente, silenciosa, diante do Santíssimo, como fazia o Irmão Carlos. Em segundo lugar, um momento de deserto em que os participantes ficam a sós, na solidão, falando e ouvindo Deus. Por último, a revisão de vida que se dá na partilha aberta e sincera entre os irmãos. Quanto mais forte e verdadeira for a fraternidade, tanto mais profunda será esta partilha. É aqui que nos mostramos verdadeiramente irmãos uns dos outros com a disposição de nos ajudarmos mutuamente.

Cotidianamente, os membros da Fraternidade se propõem a intensificar sua vida de oração por meio da meditação da Palavra de Deus e da Eucaristia. Procuram, ao menos uma vez por mês, fazer um dia de deserto e se esforçam para viver a proposta do último lugar e do anonimato, uma das mais belas intuições do Irmão Carlos.



Reprodução

No encontro arquidiocesano de presbíteros e diáconos, neste mês de março, recordando o centenário de morte do Irmão Carlos, será apresentada a Fraternidade Sacerdotal Jesus+Caritas. O objetivo é possibilitar aos padres fazerem esta experiência que nos ajuda na vivência e testemunho de nosso ministério. Até o momento, temos uma Fraternidade em nossa arquidiocese com seis padres. Vale a pena conhecer a Fraternidade que existe também para leigos e leigas.

Pe. Geraldo Martins
Coordenador de Pastoral

A caminho do VI Fórum Social pela Vida

O Conselho Arquidiocesano de Pastoral – CAP se reuniu no último dia 12 de fevereiro e, na oportunidade, foram apresentadas várias sugestões em vista do próximo fórum social. Este conselho respaldou os encaminhamentos dados e fez novas proposições que muito enriquecem o processo de mobilização arquidiocesana e construção participativa do próximo fórum.

Quanto ao tema e lema, com pequenos ajustes foram assim definidos, respectivamente: “Cuidar da casa comum, nossa missão”. “Por uma economia e uma política a serviço da vida”. Na ocasião, o conselho trouxe sugestões de novos temas, além dos que foram apresentados, para as oficinas do fórum com foco no meio ambiente e no meio social, destacando temas ligados ao saneamento básico, ao combate à corrupção, à conscientização política e formação de lideranças, às políticas públicas e à economia solidária.

Quanto aos assessores, foram respaldados os nomes indicados, com a solicitação de que sejam dois assessores e que se evite, quanto possível, uma identificação político-partidária. Foi proposto, e imediatamente aprovado, por unanimidade, que a manhã do último dia do fórum, domingo – dia 30 de outubro, seja toda ela dedicada ao Servo de Deus - dom Luciano Mendes, celebrando a sua profecia e seu testemunho de fé e caridade, recordando a passagem dos 10 anos de seu falecimento. O conselho ainda propôs nomes para reforçar as equipes em preparação do VI Fórum Social pela Vida.

Entre as novas sugestões, quanto à preparação – o conselho propôs que se envie um exemplar da cartilha a cada paróquia com sugestão de que as paróquias depois adquiram mais exemplares na Editora Dom Viçoso e que também se estude, por região, com os delegados para o fórum, esse ma-

terial. Propôs que, no mês de agosto, o roteiro de reflexão da arquidiocese contemple a realização do fórum e que o plenário envolva, em maior número, as lideranças paroquiais e, para o gesto concreto, se faça uma solicitação de apoio, sobretudo de alimentos, às regiões pastorais em vista do fórum.

Foi sugerida à equipe de coordenação, a realização de um encontro, nos dias do fórum, com os eleitos nas eleições de outubro e que se faça o lançamento, ao final do fórum, da nova cartilha arquidiocesana da Dimensão Sociopolítica.

Agradecemos esse respaldo arquidiocesano, dado através do CAP. O fórum social, vale a pena lembrar, é um evento da Arquidiocese de Mariana confiado, na sua organização, à Dimensão Sociopolítica. Este foi mais um passo, de muitos outros que estão por vir... a serviço da vida e da esperança!

Pe. Marcelo M. Santiago
Dimensão Sociopolítica

Missa encerra Ano da Vida Consagrada

Com a presença de religiosos, religiosas e leigos consagrados vindos de todas as regiões da Arquidiocese de Mariana foi realizada a celebração de encerramento do Ano da Vida Consagrada, na basílica de São José, em Barbacena, Região Pastoral Mariana Sul. A missa, presidida pelo arcebispo de Mariana, dom Geraldo Lyrio Rocha, foi organizada pelo núcleo arquidiocesano da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB.

“A vida consagrada deve trilhar um caminho na Igreja, recordando os valores que ficam guardados no coração.

Este é um convite a todos a viverem a pobreza, a castidade e o carisma como um estado em que a vida consagrada, vos pede. Este é um sacramento da vida de Deus, uma missão da congregação, da Igreja, onde a vida pessoal deve estar no reino de Deus”, disse dom Geraldo na celebração.

O Papa Francisco anunciou no dia 29 de novembro de 2014, que 2015 seria o Ano dedicado à Vida Consagrada. O anúncio foi feito em Roma durante a 82ª Assembleia Geral da União dos Superiores Gerais (USG). Na Arquidiocese de Mariana, o ano dedicado

aos religiosos e consagrados foi aberto no dia 1º de fevereiro de 2015 na Catedral da Sé, em Mariana.

No final da celebração Dom Geraldo ressaltou a importância deste ano proposto pelo Papa e lembrou que o pontífice também é um religioso. “A iniciativa do Papa Francisco ao propor o Ano da Vida Consagrada foi brilhante. O Papa Francisco também é um religioso. Já fazia tempo que não se tinha um Papa religioso e tempos depois veio o Francisco, uma figura admirada e que hoje é considerado o maior líder mundial”, afirmou o arcebispo.

Bruna Sudário



GIRO RÁPIDO

TEOLOGIA MORAL

No ano em que completa-se 10 anos do falecimento de Dom Luciano, padre Darci Fernandes Leão apresenta sua tese de doutorado, para a obtenção do título de doutor em Teologia Moral, pela academia Alfonsiana, em Roma, denominada “Caridade e justiça em dom Luciano Pedro Mendes de Almeida (1930-2006)”. A pesquisa teve o objetivo de perceber como Dom Luciano, pelo seu exemplo e estilo de vida, contribuiu com a Teologia Moral, ao praticar o essencial do cristianismo, a Lei do Amor. O autor do trabalho resalta que está bastante contente por ter realizado esse estudo. “Aprendi muito com a reflexão sobre a vida e o testemunho de Dom Luciano. Espero poder partilhar com muitos os frutos dessa pesquisa”. A defesa será realizada no dia 15 de março.

CARTILHA DA ACOLHIDA

Com o objetivo de ajudar a perceber que é preciso melhorar a prática de acolhida, está à venda na Editora Dom Viçoso a cartilha “A prática da acolhida na comunidade cristã”. A cartilha já foi estudada pelas equipes regionais que agora terão a responsabilidade de ir às paróquias para fazer o mesmo estudo com suas lideranças. Fruto do trabalho do Ano da Escuta, vivenciado pela Arquidiocese de Mariana, onde foi possível perceber a necessidade de aperfeiçoar a prática da acolhida nas comunidades, o material pretende provocar um intenso e sincero debate sobre o modo de acolher na vida da Igreja. Para obter mais informações ou encomendar a sua cartilha, entre em contato pelo telefone (31) 3557-1233.

COMUNICAÇÃO

Desde a sua criação, o Departamento de Comunicação da Arquidiocese de Mariana (Dacom) vem trabalhando para levar as informações da Arquidiocese para as pessoas, além de estender o panorama da comunicação em vários veículos. No dia 23 de fevereiro, a equipe do Departamento se reuniu no Centro Arquidiocesano de Pastoral, em Mariana, para avaliar as atividades do grupo e planejar as ações para 2016. Uma das questões discutidas foi o II Encontro de Comunicadores, que acontece este ano no dia 14 de maio, em Congonhas, Região Pastoral Mariana Oeste. Outro ponto conversado foi a produção de uma cartilha para os comunicadores paroquiais. Esse material tem o objetivo de orientar na criação e no desenvolvimento da Pastoral da Comunicação nas paróquias.

CATEDRAL DA SÉ

Durante 11 meses, a Catedral da Sé, em Mariana, passará por reformas arquitetônicas realizadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A primeira catedral mineira terá as suas estruturas interna e externa restauradas e, durante este período, não acolherá celebrações. As missas, desde o dia 16 de fevereiro, acontecem no Santuário de Nossa Senhora do Carmo, nos mesmos horários em que aconteciam na Sé. Aos sábados, as celebrações foram transferidas para a Igreja de Nossa Senhora Rainha dos Anjos. Para selar o breve fechamento da Catedral, foi celebrada uma missa solene com a presença de diversas autoridades e de grande parte da comunidade. A celebração foi presidida pelo arcebispo de Mariana, dom Geraldo Lyrio Rocha, que oficializou o fechamento da igreja.

No caminho pela igualdade dos direitos

Agência Ecclesia

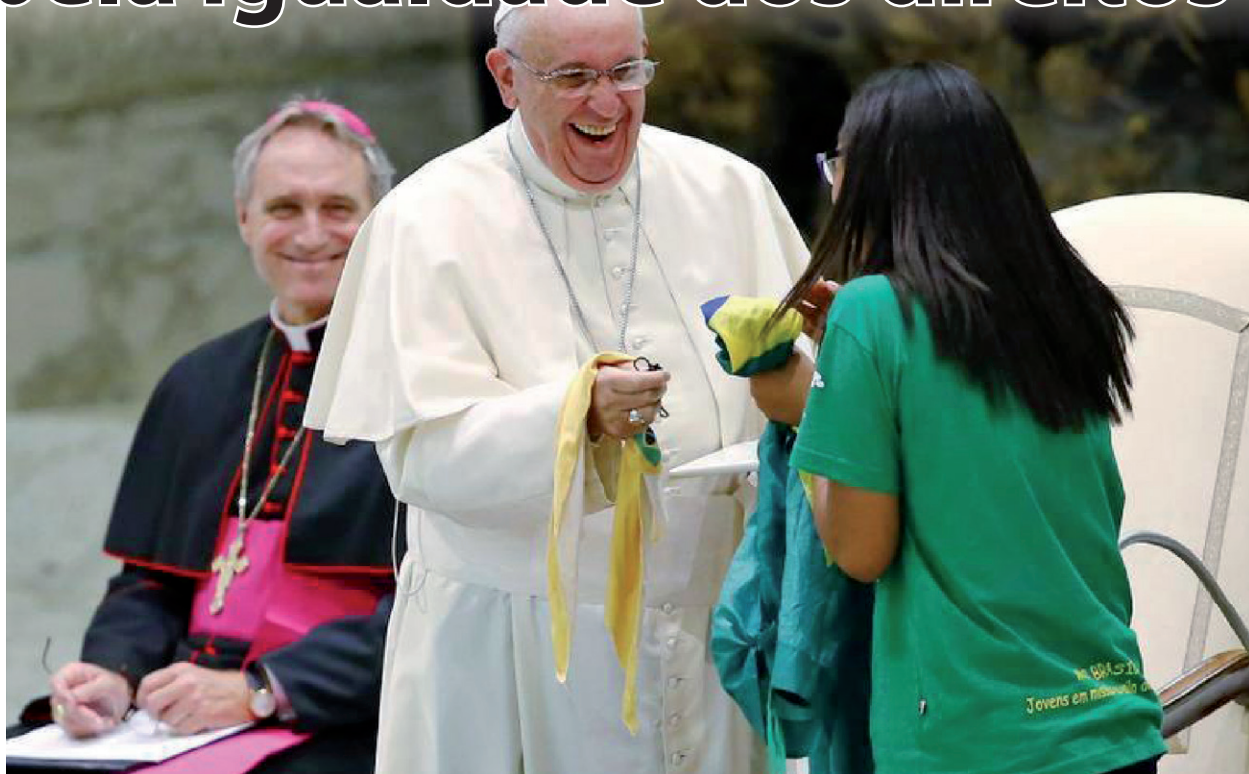
Em pleno século XXI, as mulheres ainda lutam por direitos básicos em várias regiões do mundo. Na Arquidiocese de Mariana, mulheres de todas as regiões se encontram no Segundo Encontro de Mulheres e discutem avanços e novas formas de participação. Um encontro que pretende movimentar Congonhas, às vésperas do Dia Internacional da Mulher.

Maud Watts é uma jovem mulher. Casada, mãe de um filho, ela trabalha como “passadeira de roupas”. Apesar de trabalhar na mesma lavanderia que o marido e cumprir funções semelhantes, Maud recebe um salário menor. Ela também participa de um grupo de mulheres que luta pela igualdade de direitos e por causa disso sofre com discriminação e preconceito vindo principalmente dos homens. Maud é considerada uma guerreira por suas amigas, a maioria, mulheres que não participam da luta pela igualdade em que Maud está inserida. Mulheres que ainda apanham dos maridos, sofrem com a força de um mundo masculino.

A história de Maud lhe parece familiar? Parece verdadeira? Podemos até dizer que é uma história atual e que abusos ainda piores acontecem com mulheres em países que não as reconhecem como cidadãs tais quais os homens. Certo? Esta é a história contada no filme “As Sufragistas”, dirigido por Sarah Gavron e lançado no Brasil em dezembro de 2015. O filme conta a história de mulheres que lutavam pelo direito ao voto no início do século XX, na Inglaterra. Isso mesmo. É a história de algo que aconteceu há cem anos, mas que ainda nos parece atual.

Para a historiadora e uma das coordenadoras do Encontro de Mulheres da Arquidiocese de Mariana, Sandra Reis, os fatos descritos acima parecem atuais porque a situação das mulheres no mundo ainda é preocupante. “Como historiadora e fazendo uma revisão deste tema com meus alunos, penso que as conquistas femininas avançaram muito no século passado, tanto que acredito que as mulheres que lutaram nesta época nem imaginariam que no século XXI ainda estaríamos tão agarradas em alguns pontos. Eu diria que quase vivemos um retrocesso. Não que eu seja pessimista, mas é o que eu vejo hoje, claro que há muitas exceções”, destaca Sandra.

Apesar dos problemas, ela reconhece alguns avanços importantes. “No século passado conquistamos o direito ao voto, à possibilidade de nos candidarmos e inclusive na legislação eleitoral a obrigatoriedade de se ter 30% de mulheres candidatas. No entanto, chegamos



hoje com alguns nomes isolados de mulheres que estão na Política, inclusive até na presidência, mas não como conquista das mulheres, muitas vezes por sorte ou por influência da família. Outras que se candidatam quase que obrigadas apenas para compor chapas. Sem falar das mulheres que estão na Política e não assumem as bandeiras da defesa da vida. É legal ver mulheres liderando a economia, a mídia, o judiciário. O problema é que muitas vezes esses espaços estão configurados num esquema masculino de se organizar e pensar as coisas, e muitas que aí chegam, costumam se adequarem ao mesmo esquema para serem reconhecidas pelos colegas homens e aí o sistema continua do mesmo jeito”, desabafa.

O Papa Francisco, em encontro com o Pontifício Conselho de Cultura, chamou a atenção para a necessidade da participação efetiva das mulheres no dia-a-dia das instituições. Segundo matéria publicada pela Rádio Vaticano, para Francisco, trata-se de um tema que lhe interessa particularmente, como reiterado inúmeras vezes, pois segundo ele é necessário estudar critérios e modalidades novas para que as mulheres não se sintam hóspedes, mas plenamente partícipes dos vários âmbitos da vida social e eclesial. “A Igreja é mulher. É a Igreja, não o Igreja”, ressaltou. Francisco encorajou ainda a presença eficaz das mulheres na esfera pública, no mundo do trabalho e nos locais onde são adotadas as decisões mais importantes. “Todas as instituições, inclusive a comunidade eclesial, são chamadas a garantir a liberdade de escolha para as mulheres, para que tenham a possibilidade de assumir responsabilidades sociais e eclesiais, num modo harmônico com a vida familiar.”

Reprodução



Na Inglaterra, mulheres fazem protesto pelo direito ao voto. Em vários países este direito só foi conquistado no final do século XX

Uma das áreas onde a presença feminina é maior que a masculina é a educação. Para Sandra Reis, nesta área os avanços são visíveis. “Na educação formal, que ao longo da História ficou como tarefa feminina, acredito que a mulher conseguiu abrir espaço e chegar hoje a níveis incríveis de participação, o que possibilita moldar os cursos com outros olhares com uma inculturação, interação com outras áreas, outras cores, ou estilo de vida, mais voltado para a ecologia integral, para as crianças, para os pobres.”

Sônia Gomes de Oliveira é presidente do Conselho Nacional do Laicato do Regio-

nal Leste II da CNBB. Envolvida em várias atividades públicas, ela mora em Montes Claros e participa das Comunidades Eclesiais de Base no Programa de Desenvolvimento Rural e Urbano de sua cidade. “Eu vejo avanços no papel e na atuação da mulher em ambos os espaços (Igreja e sociedade), porém acho que na sociedade o avanço foi maior do que em nossa Igreja. Vejo isto porque na sociedade já temos mulheres assumindo papéis como protagonistas, sendo decisivas. Podemos destacar cargos de altos níveis em nossa sociedade em que a mulher é responsável por decidir e definir. Temos a mulher que já consegue entender o seu papel não só como dona de casa, mas como sujeito de direito e de deveres, isto temos visto na sociedade. Mulheres com papéis decisório em profissões que antes eram exercidas somente por homens, desde a construção civil até gabinetes. Então se percebe que a sociedade enquanto abertura para a participação e atuação da mulher está muito avançada”, destaca Sônia.

“Porém existe um aspecto que percebo nesta avanço como negativo. Temos um índice muito grande de violência contra a mulher, uma quantidade muito grande de mulheres assassinadas. Também temos a mulher como alvo de violência nos programas de televisão, na música que trata a mulher como objeto de consumo, descartável. Ainda temos uma sociedade machista em que o homem se acha no direito de espancar mulheres. Então são dois pesos e duas medidas: temos o avanço de um lado, mas temos as consequências do outro lado”, explica.

E na Igreja?

Para a presidente do Conselho Nacional do Laicato, há muito o que avançar quanto ao papel das mulheres na Igreja. “Ainda temos muito que avançar, em se tratando de uma instituição milenar como a nossa Igreja. Ainda estamos precisando dialogar mais sobre o papel da mulher na Igreja, até porque somos muitas que atuamos e precisaria ter este diálogo mais efetivo. Nossa Igreja tem a maior referência de Mulher que é Maria. Acredito que temos tudo hoje com o Papa Francisco, para avançar mais nesta área”, explica Sônia.

Ela explica que, apesar de achar que as mulheres devem ter um papel mais destacado na Igreja, isto não quer dizer que tenham que fazer parte do clero. “Quando falo de maior participação não é no sentido do que muitos acham que o avanço da mulheres na Igreja se dará através de um ministério ordenado. Não penso assim. Temos e podemos avançar sendo sujeitos eclesiais, leigas atuantes e valorizadas em nossos espaços de atuação no respeito, diálogo, na capacidade de transformar o velho em novo. É aquela ideia de fazer nova todas as coisas”, finaliza.

Em audiência no dia de Santa Inês (21 de janeiro), o Papa Francisco reafirmou o valor que dá à sensibilidade das mulheres e à importância de seu olhar na vida da Igreja. “Eu gostaria de ressaltar que a mulher tem uma sensibilidade particular pelas ‘coisas de Deus’, sobretudo para nos ajudar a compreender a misericórdia, a ternura e o amor que Deus tem por nós. Gosto de pensar também que a Igreja não é ‘o’ Igreja, mas ‘a’ Igreja. A Igreja é mulher, é mãe, e isto é bonito. Deves pensar e aprofundar isto”.

A historiadora Sandra Reis acha que, na Igreja, o avanço é visível quanto ao papel da mulher e destaca que há uma parceria, acima das questões de sexo, que está movimentando e direcionando os rumos da Igreja no Brasil e no mundo. “Na Igreja, olhando do ponto de vista da hierarquia, parece que nada aconteceu. No entanto, se olharmos a verdadeira Igreja sonhada por Jesus Cristo, Igreja Comunidade/Povo de Deus, estamos todos nós, homens e mulheres, comprometidos, marcando espaço, fazendo caminho. Nessa Igreja da qual estamos falando, temos o Papa Francisco, muitos bispos, padres e muitas mulheres, numa relação de igualdade, de Igreja círculo, onde estamos sempre aprendendo com o outro a sermos mais semelhantes a Jesus Cristo”.

A ex-presidente do Conselho do Laicato da Arquidiocese de Mariana, Leci Nascimento, também vê avanços no papel da mulher na Igreja. “No campo eclesial percebemos a presença da mulher em inúmeras atividades. Estão nos diversos movimentos, Pastorais, Conselhos Comunitários/Paroquiais/Regionais/Diocesanos, cursos de teologia, missões, grupos de reflexão, ornamentação, ministérios, enfim assumem várias responsabilidades. É amplo o campo de atuação. Hoje ele se abre mais com o convite de uma Igreja em saída.”

Mas faz uma ressalva: a decisão final ainda é masculina. “Hoje a mulher participa de várias instâncias de decisões. Já há uma abertura para a presença feminina, escutam-na e até incluem, porém a palavra final é do Clero. Existe ainda na própria comunidade eclesial um medo em permitir que a mulher assuma um espaço. O Papa Francisco tem encorajado as mulheres a estarem presentes nos diversos espaços de decisões importantes: ‘Todas as instituições, inclusive a comunidade eclesial, são chamadas a garantir a liberdade de escolha para as mulheres, para que tenham a possibilidade de assumir responsabilidades sociais e eclesiais, num modo harmônico com a vida familiar’ e completa ‘é preciso ampliar os espaços para uma presença mais feminina dentro da Igreja’. (EG. N. 103). Apesar da abertura, a Igreja também precisa avançar”, afirma Leci.

Encontro de Mulheres

É com a proposta de avançar, legitimando a participação feminina, que a Arquidiocese de Mariana promove, nos dias 4 e 5 de março, o Segundo Encontro de Mulheres, na Escola Engenheiro Oscar Weinschenk, em Congonhas, Região Pastoral Mariana Oeste. Com a temática “Casa Comum, nossa responsabilidade”, a edição deste ano pretende reunir 250 mulheres. Outras temáticas como: Igreja, direitos, questões de gênero, violência e política serão trabalhadas em mini plenários. O encontro tem como objetivo proporcionar um espaço de reflexão da missão das mulheres, tanto na Igreja como em outros espaços onde elas estão comprometidas.

Carta

Em março de 2015, mais de 200 mulheres se reuniram em Barbacena, no Primeiro Encontro de Mulheres. O evento cumpriu umas das propostas do V Fórum Social Pela Vida que sugeria um momento de encontro e de partilha de experiências das mulheres da Arquidiocese. Após muito debate e exposições, as participantes do encontro redigiram uma carta onde denunciavam, entre outras coisas, todas as formas de violência contra a mulher, sejam elas física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral. Na carta, elas também assumem compromissos como a divulgação e participação de iniciativas de denúncias e de lutas com vistas ao combate da violência contra a mulher.

Ao final da carta, o texto traz uma palavra que descreve bem a forma e a atitude das mulheres durante toda a sua história de luta. “Felizes e comprometidas com os encaminhamentos...” Felizes... apesar da luta, apesar e acima de tudo: FELIZES!

DACOM



O que pensam as mulheres das mulheres? O que pensam os homens das mulheres? Quando indagamos alguém sobre determinado assunto, a pessoa costuma iniciar sua resposta evocando sua maneira particular de ver, de julgar e imaginar, expressando suas convicções. E, em geral, começam com a expressão: “eu acho que...”, ou “na minha maneira de pensar...” Sempre partindo da opinião individual de conceber algo.

Algumas vezes, as opiniões sobre alguém são mescladas de inúmeros limites, impostos por preconceitos, ou por visões voltadas somente para alguns aspectos, sem contemplar a totalidade do ser gente. Também porque a sociedade impõe determinados chavões que se tornam repetitivos e criam, tantas vezes, conceitos distorcidos.

A verdade não depende da visão pessoal, nem mesmo de provas científicas. A verdade existe. A pessoa que a busca, encontra. Alguma coisa não passou a ser verdadeira por que alguém o provou. Não!

A mulher não é o que o fulano diz ou o que a sociedade propaga. A mulher é o que é. Elogiar ou não, faz diferença. Mas, faz diferença no sentido psicológico. Não que o elogio ou a crítica deva mudar, ou vá mudar o ser mulher. A mudança acontece a partir do lugar e das mudanças culturais com o passar do tempo. Porém, seu ser gente-mulher se expressa no seu jeito de ser cidadã, pessoa de direitos e deveres; ser social, pessoa de relações; ser cultural, portadora de costumes que a caracterizam; ser religioso, pessoa que conhece Alguém superior.

As futilidades do mundo feminino é outra conversa. Nisto os meios de comunicação social são especialistas... Continuemos falando sério, pois esta criatura é séria...

Cada vez mais a mulher se destaca na sociedade. Hoje, pode-se dizer que ela se faz muito mais presente no mundo do trabalho. E como tem demonstrado sua habilidade! Não que ela não possuísse habilidades, mas, no momento em que avançou na busca do ser igual, embora diferente, revelou-se tal como é. Porém, isto não é tão novo. Entre os povos bíblicos, diante de tantos preconceitos, algumas mulheres se destacaram. Com atitudes concretas disseram para a sociedade da época o que elas são.

A juíza e profetiza Débora, diante de um homem medroso, Barac, que só iria à batalha se Débora fosse, ela, prontamente, responde: “Está bem: eu vou com você”. Débora confiava plenamente em Deus (Jz4). Ana, não se deixa humilhar pelo sacerdote Eli, mas revela a verdade. Sua angústia vem da humilhação de um povo preconceituoso e machista (1º livro de Samuel). Rute é uma mulher decidida: “Seu povo é meu povo, seu Deus é meu Deus” (Livro de Rute). Judite não pensa duas vezes. Se é para salvar o povo, vamos dar um jeito: a gente corta a cabeça do mal (livro de Judite). Ester não se deixa envaidecer pela sua beleza. Ela crê numa beleza superior, não contemplada pelos olhos carnis. Arrisca a vida, mas vai ao encontro do rei e lhe diz umas verdades: você quer me dar um presente mesmo? Salva meu povo, deixa-nos viver! (livro de Ester). Maria de Nazaré ouviu, pensou, dialogou e deu uma resposta corajosa (Lc 1).

Aí estão alguns modelos de mulheres de fé para as mulheres de Hoje. Todavia, também no meio de nós temos muitas heroínas, muitas profetizas, muitas mulheres corajosas e de muita fé. Elas têm uma grande missão: combater, com eficiência, o machismo, a violência, a discriminação. Criar uma geração de pessoas, mulheres e homens, que trabalhem na globalização do amor, do respeito, da alegria, da paz.

Diz o canto: “Como é que vou ser santo se tá todo mundo louco!?” Sim! Somos convidados a sermos santos neste mundo louco. O santo, na verdade, não passa de um louco entre os loucos. Que a loucura das mulheres santifique este mundo!

Papa Francisco denuncia subversão ao capital em viagem ao México

O mês de fevereiro foi marcado por uma importante viagem do Papa Francisco ao México. Entre os dias 13 e 17, Francisco celebrou, festejou, rezou e conversou com representantes da Igreja e da sociedade mexicana. No dia 17, quarta-feira, o Papa Francisco deslocou-se da Cidade do México à Cidade de Juárez, Estado de Chihuahua, no extremo norte do México, na fronteira com os Estados Unidos. Lá teve primeiro um comovente encontro com presos, no Centro de Readaptação Social estatal (CeReSo) que acolhe três mil detidos adultos, uma pequena parte formada por mulheres. Às 16h, no horário local, celebrou Missa em uma feira da Cidade. Na Missa participaram pessoas de um lado e de outro do Rio Grande, isto é da Cidade de El Paso nos Estados Unidos e da Cidade de Juárez, separadas apenas por uma rede metálica. Mais de 200 mil pessoas participaram na Eucaristia. Na sua homilia o Papa lembrou as vítimas da migração forçada, da violência, da droga e do tráfico humano.

A Cidade

Com mais de um milhão e duzentos mil habitantes, a Cidade de Juárez foi fundada em 1659 com o nome de “El Paso del Norte” por exploradores espanhóis. Por mais de dois séculos a ponte sobre o Rio Grande foi a única passagem para o Texas. Em 1848 um tratado estabeleceu esse rio como a fronteira entre o México e os Estados Unidos, separando os territórios a norte do rio do resto da cidade. A parte da cidade que ficou para os Estados Unidos passou a ser chamada “El Paso” e a outra do lado do México, foi denominada, em 1888, Ciudad de Juárez, em homenagem ao presidente Benito Juárez.

As duas cidades separadas hoje pelo rio e por uma rede metálica, e que do alto parecem ser uma única cidade, formam uma área metropolitana de cerca de dois milhões e meio de habitantes, sendo a maior área metropolitana binacional nos confins entre México e Estados Unidos.

Com o seu desenvolvimento e indústrias, a Cidade de Juárez atrai muitos tra-

balhadores de várias partes do México, mas é considerada uma das cidades mais violentas do mundo com 2500 homicídios só em 2009. A espiral de violência é causada pelo narcotráfico e pela presença de uns 950 bandos armados com dezenas de filiações. Devido ao narcotráfico, nos últimos quatro anos, 212 mil habitantes, cerca 18% da população abandonou a cidade. A partir de 1993 Juárez tornou-se tristemente famosa pelas milhares de mulheres desaparecidas, pessoas pobres que geralmente trabalhavam em fábricas ilegais que fabricam produtos destinados ao chamado “primeiro mundo”.

Papa Francisco ao mundo do trabalho

É neste contexto de uma Cidade que tem uma “relação especial (...) com o mundo do trabalho” como ele próprio disse, que o Papa Francisco quis encontrar-se com empresários e trabalhadores. Foi no Colégio de Bachilleres, Instituto público de educação superior.

Depois de ouvir as ansiedades e esperanças desse mundo expressas por uma família e um empresário, o Papa agradeceu por essa oportunidade de intercâmbio e reflexão dizendo: “Tudo o que pudermos fazer para dialogar, para nos encontrar, para procurar melhores alternativas e oportunidades já é uma conquista que merece apreço e destaque”.

O Papa tem a consciência de que isto não é suficiente, mas, frisou, “não podemos dar-nos ao luxo de cortar qualquer possibilidade de encontro, discussão, confronto, pesquisa. Esta é a única maneira que temos de poder construir o amanhã e ir tecendo relações duradouras capazes de reconstruir os vínculos sociais consumidos pela falta do respeito requerido para uma sadia convivência”.

Por isso exprimiu o desejo de que esse encontro seja uma oportunidade para construir, “para forjar o México que o seu povo e os seus filhos merecem”.

E foi sobre o México que os seus filhos merecem que o Papa alicerçou o seu discurso, dizendo que ali se encontravam várias organizações de trabalhadores e representantes



L'Observatore Romano

de câmaras e associações empresariais, aparentemente antagonistas entre si, mas unidas por uma responsabilidade comum: “Procurar criar oportunidades de trabalho digno e verdadeiramente útil para a sociedade e sobretudo para os jovens desta terra”.

O que acontece, porém é que a falta de oportunidades de instrução e trabalho sustentável e rentável para os jovens, gera pobreza e, conseqüentemente, um terreno favorável para cair na espiral do narcotráfico e da violência. Mas ninguém pode dar-se ao “luxo de deixar só e abandonado o presente e o futuro do México.” – frisou.

Francisco fez notar depois como o paradigma do lucro e da utilidade econômica se tornou o princípio das relações e como o lucro a todo o custo e imediatamente leva tanto à perda da dimensão ética como também a esquecer o investimento que deve ser feito para o povo, para as pessoas, para as famílias. E recordou que “o melhor investimento é criar oportunidades” e não colocar o “fluxo de pessoas ao serviço de fluxo de capitais”, provocando em muitos casos a exploração dos trabalhadores.

“Deus pedirá contas aos escravagistas dos nossos dias e nós devemos fazer todo o possível para que estas situações não ocorram mais. O fluxo de capital não pode determinar o fluxo e a vida das pessoas”.

O Papa disse ainda que não raro a Doutrina Social da Igreja é vista pelas empresas como se pretendesse que se transformem em instituições filantrópicas, mas recordou, “a única pretensão que tem a Doutrina Social da Igreja é velar pela integridade das pessoas e das estruturas sociais” e sempre que isto for ameaçada, a “Doutrina Social

da Igreja há de ser uma voz profética que nos ajudará a todos a não nos perdermos no mar sedutor da ambição”, pois cada vez que a integridade de uma pessoa é violada, toda a sociedade se deteriora. “Todos devemos lutar para que o trabalho seja uma instância de humanização e de futuro. (...) Que quer o México deixar aos seus filhos? Quer deixar-lhes uma recordação de exploração, de salários insuficientes, de pressão laboral? Ou deixar-lhes na memória a cultura de um trabalho digno, um teto decente e terra para trabalhar? Em qual cultura queremos ver nascer aqueles que virão depois de nós? Que atmosfera vão respirar? Um ar contaminado pela corrupção, a violência, a insegurança e desconfiança ou, pelo contrário, um ar capaz de gerar alternativas, gerar renovação e mudança?”

Consciente, todavia, de que o que propõe não é fácil, Francisco, disse que “o pior é deixar o futuro nas mãos da corrupção, da brutalidade, da falta de equidade. (...) O lucro e o capital não são um bem superior ao homem, mas estão a serviço do bem comum. E, quando o bem comum é forçado a estar a serviço do lucro e o único a ganhar é o capital, a isto chama-se exclusão”.

E Rogando a Nossa Senhora de Guadalupe para que ajude a construir um novo México, o Papa conclui convidando todos a “sonhar o México, a construir o México que os vossos filhos merecem, um México, onde os pais tenham tempo para estar com os próprios filhos, onde não haja pessoas de primeira, segunda ou quarta... mas um México que saiba reconhecer no outro a dignidade de filho de Deus...”.

Abertas as inscrições para o Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação

A expectativa da organização é receber mais de 800 participantes de diversas regiões do país

Centenas de comunicadores de todo o Brasil são esperados para o 5º Encontro Nacional da Pastoral da Comunicação (Pascom), de 14 a 17 de julho, no Centro de Eventos Padre Vítor Coelho de Almeida, em Aparecida (SP). Entre eles, estão bispos, sacerdotes, leigos e membros da pastoral litúrgica das dioceses, paróquias e comunidades. Os interessados devem fazer a sua inscrição até 31 de maio, pelo hotsite: encontronacionalpascom.cnbb.org.br

Com o tema “Comunicação e Liturgia”, o evento tem como objetivo aprofundar a compreensão e o serviço da comunicação no campo da Liturgia da Igreja. Durante o encontro, estão previstas quatro conferências e seis seminários temáticos, com presença de estudiosos e especialistas da Comunicação e Liturgia. Haverá, ainda, noite cultural, no sábado, 16 de julho, com

workshop “Mão na massa na comunicação católica!”.

De acordo com bispo auxiliar de Aparecida (SP) e presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Darci Nicioli, o Encontro é um espaço formativo e de evangelização.

“É a Pastoral da Comunicação que se reúne na casa da Mãe Aparecida. Neste ano vamos tratar do tema Comunicação e Liturgia, pois é uma necessidade. Aquilo que cremos é o que nós rezamos. É muito importante que os nossos agentes da Pascom recebam capacitação para atuar nas bases, sendo esta a proposta principal do nosso encontro”, explica o bispo.

Entre os palestrantes está o bispo de Paranaguá (PR) e membro da Comissão para a Liturgia da CNBB, dom Edmar



Peron, que possui mestrado em Teologia Dogmática e Liturgia, e o artista plástico, Claudio Pastro, com longa carreira dedicada a trabalhos de arte sacra.

Saiba mais

Com a proposta de dinamizar a preparação do encontro, a Comissão Nacional lançou o hotsite do evento. Na página, é possível acessar a programação completa, além de sugestões para hospedagem. Os internautas têm também a oportunidade de conhecer os conferencistas internacionais e nacionais que estarão no evento. O hotsite apresenta um layout moderno e com fácil navegação pelos conteúdos e galerias.

De acordo com o assessor nacional da Comissão para a Comunicação da CNBB, padre Rafael Vieira, a expectativa é receber mais de 800 participantes de diversas regiões do país. Além disso, o sacerdote ressalta que o Encontro Nacional busca articular e animar a Pastoral da Comunicação na Igreja. “Acreditamos que o encontro será rico de conteúdo e um bonito espaço de comunhão entre os animadores da comunicação e da liturgia na Igreja do Brasil”, pontua padre Rafael.

Anote aí

5º Encontro Nacional da Pascom; 14 a 17 de julho, em Aparecida (SP). Inscrições: encontronacionalpascom.cnbb.org.br

O que é a misericórdia

O Papa Francisco proclamou na bula *Misericordiae Vultus* (O Rosto da Misericórdia), o Ano Santo da Misericórdia. Ressaltou a grandeza da misericórdia divina e, ao mesmo tempo, a importância de os fiéis aplicarem em sua vida a virtude da misericórdia. Mas, em que consiste, exatamente, essa virtude? O que é, afinal, a misericórdia? É a partir deste questionamento que vamos pautar a nossa reflexão.

Santo Agostinho, na obra “A Cidade de Deus”, define-a do seguinte modo: “A misericórdia é a compaixão que o nosso coração experimenta pela miséria alheia, que nos leva a socorrê-la, se o pudermos”. Na raiz da palavra “misericórdia” está *cordis*, que, em latim, significa “coração”. Significa ter um coração compassivo pela miséria do outro. Para Santo Tomás de Aquino, a misericórdia, se bem entendida, é a maior das virtudes em relação ao próximo, embora a caridade, que é a sua inspiradora e nos une diretamente a Deus, seja, absolutamente falando, superior a ela. Segundo o Santo Doutor, a misericórdia é como que o resumo da vida cristã.

O Papa Francisco, na bula de proclamação do Jubileu da Misericórdia, define o sentido que para nós tem a Palavra. “Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o ato último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado”.



Sendo a misericórdia a compaixão pela miséria do outro, não se pode ter misericórdia por um bem ou por uma riqueza, mas pela miséria. Inspirando-nos em Santo Tomás, podemos afirmar que a miséria pode ser entendida em tríplice sentido:

- O que contraria o nosso instinto natural de sobrevivência, tal como a fome, a sede, a doença, a proximidade da morte. Esse seria o motivo específico e primeiro da misericórdia;
- Suscitam misericórdia os males que acontecem contrariando e opondo-se à nossa escolha. Por isso são dignos de compaixão os males que são causados pela riqueza, como quando alguém deseja um bem e lhe acontece um mal. Isso seria o que hoje chamamos de “acidentes”, ou “tragédias”;
- São mais dignos de compaixão os

males que contradizem totalmente a vontade de quem os sofre. Como, por exemplo, alguém que é condenado por um crime que não cometeu. Por isso, diz Aristóteles que “a misericórdia chega ao seu extremo nos males que alguém sofre sem merecê-los”.

Porque está voltada para o sofrimento e as carências do outro, não se pode falar da misericórdia entre as três pessoas divinas. A Trindade Santa é perfeita. Assim sendo, só quando Deus se volta para as criaturas, é que se pode falar dessa virtude. É possível falar da misericórdia de Deus em relação às suas criaturas e de criatura para criatura. Ela se manifesta na obra da criação, quando Deus deu ao ser humano a existência, e também em nossa caminhada como cristãos, quando encontramos o outro caído à beira do caminho.

A misericórdia é efetiva. Não basta compadecer-se das pessoas e ficar de braços cruzados. Importa agir para “socorrê-las”, como diz a definição de Santo Agostinho.

Para que se aja corretamente, porém, é preciso ter em conta outra característica da misericórdia, que é

a reta razão. Sem ela, não há virtude moral, pois, como diz Santo Tomás, “a virtude humana consiste num movimento do espírito regulado pela razão”. Uma mãe, por exemplo, que, sentindo misericórdia do filho drogado em síndrome de abstinência, por compaixão, lhe oferecesse a droga, não estaria colocando em prática a virtude da misericórdia.

Não basta colocar-se afetivamente ao lado das pessoas que se encontram em situação de sofrimento, seja físico ou moral ou em situação de erros graves e desejar fazer algo efetivo por elas. É preciso usar a reta razão. Não estaria usando de misericórdia o padre, que a pretexto de atrair os fiéis, ignorasse as normas da Igreja e os valores cristãos. A Igreja não pode, sob o pretexto de “misericórdia”, trair a doutrina cristã. Não somente estaria banalizando os Sacramentos, o Evangelho, a sua própria missão de promover a conversão, mas também ignorando o sacrifício que tantas pessoas fazem para viver o seu compromisso cristão. A Igreja deve permanecer fiel à sua missão, mesmo correndo o risco de que pessoas se afastem.



Para refletir com seu grupo ou equipe pastoral

- O que significa para nós, hoje, a misericórdia?
- Quais são os sinais de que é preciso viver, em nossos dias, a misericórdia?

.....

"EU SOU A RESSURREIÇÃO E A VIDA"



O melhor retiro espiritual

A Semana Santa é, certamente, o melhor retiro espiritual para o povo de Deus. É um tempo muito especial de sintonia com Deus, de reflexão, de aprendizado, de despertar para o compromisso.

Basta pensar um pouco na riqueza das celebrações, dos textos bíblicos, dos símbolos, das orações. Nem é preciso inventar muita coisa. As próprias celebrações já são profundamente ricas e simbólicas. Também os atos paralitúrgicos, como procissões, vias-sacras, sermões, caminhadas, encenações, tudo isso contribui em muito para o avivamento da fé e compromisso cristão. Por isso, deve ser tudo muito bem preparado e executado.

Setenário das Dores de Maria

A figura de Maria e a presença feminina enriquecem a celebração do Mistério Pascal. Naturalmente, é bom evitar que se realce demais a questão do sofrimento em si, dando mais ênfase ao aspecto da solidariedade de Maria com os filhos sofredores, especialmente as mulheres e mães. A dor é consequência das escolhas e do compromisso com a vontade do Pai, mas é também caminho de santificação e amadurecimento.

É bom convidar mulheres e mães para ajudar na reflexão de cada dia.

Domingo de Ramos

Embora a liturgia associe o Domingo de Ramos à Paixão, é bom valorizar a entrada de Jesus em Jerusalém, destacando a alegria e entusiasmo do povo ao acolher Jesus. É

o reconhecimento público por tudo o que ele vinha realizando em favor dos mais pobres, excluídos e sofredores, e da sua coragem para enfrentar os 'grandes' e poderosos. É também uma forma de demonstrar que nós o temos como Senhor e Rei, e só a ele servimos.

Como é o Dia Mundial da Juventude, convidar os jovens da comunidade para animar a procissão e a celebração. O tema da Campanha da Fraternidade pode ser valorizado com cartazes e faixas.

Quinta-feira Santa

Com a celebração da Ceia do Senhor, a instituição da Eucaristia e do sacerdócio ministerial, damos início ao Tríduo Pascal, centro e ápice de todo o calendário litúrgico. O melhor que podemos fazer nesse dia é celebrar bem e procurar viver de fato o mistério da comunhão.

Embora o povo dê mais atenção à cerimônia do lava-pés, é importan-

te mostrar que o centro é a própria Eucaristia. A capacidade de lavar os pés, de servir com gratuidade e alegria é consequência da própria vivência eucarística. "Fazei isto em minha memória" não significa apenas celebrar, mas sobretudo se doar, entregar a vida, servir, viver em plena comunhão com Deus, com o próximo e com a natureza.

Sexta-feira da Paixão

O momento central é a celebração da paixão e morte de Jesus, sempre que possível, às 15h. É bom recordar ao povo que se trata de um dia de jejum e abstinência. Orientar sobre o sentido mais profundo do jejum, sobretudo a partir de Isaías 58 e do próprio Jesus. Sugerir formas alternativas de jejum, como o da fala, da TV, da internet, de bebidas etc. Lembrar ainda que se trata de uma forma de autocontrole e de solidariedade com quem não tem. Assim, podemos deixar de consumir algo e oferecer o

dinheiro para alguém ou uma entidade de promoção da vida.

Na celebração da Paixão, lembrar que não se trata apenas de um grande sofrimento, mas sobretudo de um amor apaixonado de Deus por nós.

Vigília Pascal e Domingo da Ressurreição

"Se Cristo não ressuscitou, vã é a nossa pregação; vazia é a vossa fé" (1Cor 15,14). A nossa fé tem como fundamento o Cristo ressuscitado, vencedor do pecado e da morte. Não faria sentido algum crer e seguir um homem derrotado, humilhado, morto. Nosso Deus é o Deus da vida, senhor da História. É a garantia da vitória sobre todo tipo de mal. Aparentemente derrotado, ele continua vivo ao lado do Pai, mas também na Igreja, no seu Povo, em cada irmão e irmã. Continua vivo no seu sonho do Reino de Justiça e de Paz.

É fundamental que a comunidade se prepare bem durante toda a quaresma, para que a Vigília Pascal seja de fato uma explosão de alegria pela vitória de Cristo, garantia da nossa vitória; pela Páscoa de Cristo, que é também a nossa páscoa.

Que se prepare bem as leituras bíblicas, os cantos, o rito batismal, os símbolos que enriquecem a liturgia. O fogo novo, o Círio Pascal, as velas da assembleia, juntamente com o canto vibrante, devem contrastar com as sombras da morte, do pecado, da tristeza. Que a celebração leve cada um(a) de todo o povo celebrante a experimentar no próprio coração a alegria da ressurreição.



Kátia Almeida

A coleta da Campanha da Fraternidade é uma expressão bonita da solidariedade. É bom valorizar esse gesto, convidando a comunidade a viver com sobriedade a Quaresma, deixando de consumir o que não for tão necessário, ou mesmo sacrificar um pouco, e oferecer o que for economizado no Domingo de Ramos.

A procissão e a missa de Ramos devem ser marcadas pela alegria. Incentivar a comunidade a participar com ramos, cartazes, cantos festivos e fáceis.

Para valorizar a proclamação da Paixão, tanto no domingo como na sexta-feira santa, é importante que os leitores se preparem bem e com antecedência. Isso vale, é claro, para todas as leituras bíblicas da semana.

Na maioria de nossas paróquias acontecem também procissões paralitúrgicas, como depósito do Senhor dos Passos e Nossa Senhora, do Encontro, da Soledade, do Triunfo. Que se valorize a piedade popular, mas também que se enriqueçam essas práticas com a Palavra de Deus e da Igreja, com boas reflexões, cantos mais evangelizadores e orantes.

Na Quinta-feira Santa, preparar com esmero a celebração. Valorizar a comunhão sob as duas espécies. Onde for possível, usar o pão ázimo (sem fermento).

Dicas para a celebração da Páscoa



A 1ª leitura pode ser feita como na ceia judaica. Uma criança pergunta: *Por que esta noite é diferente das outras?* E um adulto responde, recitando de forma solene o texto.

Para o Lava-pés, por causa da Campanha da Fraternidade, fica bom convidar pessoas ligadas ao saneamento básico, à saúde, ao meio-ambiente.

Para realçar a Mesa da Eucaristia, pode-se deixar o altar sem a toalha. No momento da apresentação das oferendas, um grupo de senhoras irá prepará-lo.

Após a missa, preparar a vigília junto ao Santíssimo. Não é tanto uma adoração, mas um momento de 'vigiar' com o Senhor (cf. Mt 26,38).

Na Sexta-feira da Paixão, insistir para que haja um clima de silêncio. Tudo deve expressar o clima de dor e luto, embora também de esperança. Altar sem toalhas, ausência de flores, pouca luz. Lembrar que a cor litúrgica é o vermelho, e não o roxo.

Na ação litúrgica das 15h, como não se tem canto de abertura, é interessante que o(a) animador(a) apre-

sente primeiro o sentido litúrgico da celebração, e explique que a entrada será silenciosa.

Na Vigília Pascal, expressar bem o clima de alegria e vitória pela presença da Luz, do fogo novo, do círio, das velas, do incenso, dos sinos, do glória. Que toda assembleia se envolva de fato.

Uma fogueira pode ser preparada para a bênção do fogo novo. Os cantos revelem a sintonia com natureza, dentro do espírito da CFE 2016.

A proclamação da Páscoa (Exultet) deve ser solene, mas, ao mesmo tempo, deve ter a participação de toda a assembleia, cantando as aclamações e levantando as velas acesas.

Não é necessário proclamar todas as leituras bíblicas indicadas, mas algumas não podem faltar. Chamamos a atenção para o texto da criação, no Gênesis, também por causa da CFE, e a do Êxodo, que recorda a passagem da escravidão para uma vida nova.

Para o rito da bênção da água, fica bonito fazer a entrada com mais pessoas, simbolizando momentos fortes em que a água foi vital na história do povo: criação, dilúvio, mar vermelho, Jordão etc.

Pe. José Antônio de Oliveira
Paróquia S. João Batista, Barão de Cocais

Espiritualidade do perdão

“Perdão Senhor, tantos erros cometi; perdão Senhor tantas vezes me omiti; perdão Senhor pelos males que causei, pelas coisas que falei, pelo irmão que eu julguei...” Quantas vezes cantamos, pedindo o perdão de Deus, sem, no entanto aprofundar no verdadeiro sentido desse gesto. Pedir perdão não é um simples pedido de desculpas, é ter consciência do pecado, é saber a medida para alcançar a leveza do próprio coração. É reconhecer a própria pequenez e desejar alcançar a grandeza da alma. A dinâmica do perdão – recordou o Papa Francisco em um de seus discursos – é aquela ensinada por Jesus no “Pai-Nosso”: “Jesus nos ensina a rezar ao Pai assim: ‘Perdoa os nossos pecados assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido’. Se eu não sou capaz de perdoar, não sou capaz de pedir perdão. Essa é a medida. Agir com o outro da mesma forma que esperamos que o outro aja conosco.

Porém, muitas vezes to-

mamos a atitude descrita por Francisco: ‘Mas, padre, eu me confesso, vou ao confessionário...’. ‘E o que faz antes de se confessar?’. ‘Mas, eu penso nas coisas que fiz de mal...’. ‘Tudo bem’. ‘Peço perdão ao Senhor e prometo não fazer de novo...’. ‘Certo. E depois vai até ao sacerdote? Antes, porém, falta algo: perdoou a quem lhe fez mal?’. Em poucas palavras, Francisco retomou o pensamento: “o perdão que Deus lhe dará” requer “o perdão que você dará aos outros”. Deus sempre perdoa, sempre. Mas pede que eu perdoe. Se eu não perdoar, em certo modo fecho as portas ao perdão de Deus. “Perdoa os nossos pecados assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Penso que se muitos soubessem a real profundidade da oração do Pai nosso, que traz a medida do comprometimento através da sua recitação, a mesma não seria talvez a mais rezada.

Para pedir perdão a Deus, é preciso seguir o ensinamento do “Pai-Nosso”: arrepende-se com sinceridade dos próprios pecados, sabendo que Deus perdoa sempre. O perdão deve ser pedido com sinceridade, com o coração, e de coração deve ser doado a quem cometeu um deslize. Cristo, ao dar à sua Igreja o poder de perdoar os pecados, o fez e continua

a fazer na alegria exultante da vitória da sua ressurreição, no momento em que os corações dos discípulos ardiem na certeza de que o Mestre vencera todas as tentações e já se dispunham a deflagrar no mundo a salvação que nascera da cruz que fizera rolar a pedra do sepulcro que, na escuridão do túmulo, até então, acorrentava a Vida.” “Onde está, ó morte a tua vitória?” “Onde está o teu aguilhão?” Nos Evangelhos encontramos uma estreita relação entre perdoar e curar. O perdão tem um efeito terapêutico, e a cura dos enfermos é revelação da presença da misericórdia de Deus. Em seu caminho Jesus cura perdoando os pecadores e dando vida aos que estão envolvidos nas amarras da enfermidade e da morte.

A experiência de sentir-se perdoado impulsiona o enfermo para além da sua situação vivida. É, portanto, um elemento prévio à cura. No Novo Testamento, alguns textos nos fazem perceber que o perdão reconciliador de Deus é necessário para vivenciar e reconhecer a cura. Ex: paralítico toma seu leito e caminha curado como sinal do perdão dos pecados (Mc. 2,1-12). A reconciliação é um dom que gera harmonia e paz. Outro texto que marca a importância e grandeza do perdão

diz “Senhor quantas vezes devo perdoar, sete vezes?” Até setenta vezes sete, ou seja, infinitamente, sempre que for preciso. Ou ainda, “Recebi o Espírito Santo. A quem perdoares os pecados ser-lhes-ão perdoados. A quem os retiverdes ser-lhes-ão retidos” (Jo. 20,23). Levei avante a missão que recebi do Pai, de anunciar a todos a minha morte e ressurreição redentora. E sobre eles soprou o seu Espírito.

Próximos estamos da Páscoa. Esse é o tempo propício para buscarmos acolher em nossa vida o Sacramento do perdão. Carinho e cuidado do Senhor com a humanidade. Oportunidade de trilhar vida nova. Certeza de que o amor transforma, fortalece e recria, pronunciando com os lábios e o coração: “Senhor Jesus Cristo, Mestre da ternura e do amor, que devolveu a vida em plenitude a tantos homens e mulheres imersos no pecado e caminhantes das trevas, conduzi-me nos caminhos do perdão e fortalecei minha alma para que eu tenha a humildade de pedir perdão e a misericórdia de saber perdoar. Amém!

Vera Maria Moraes Fontes
Paróquia N. Sra da Assunção
Barbacena/MG

Fotos: Arquivo pessoal

Músicas, tradição e fé marcam a Folia de Reis do distrito de Paracatu

“Quando a gente chega em uma casa começamos a cantar: ‘Senhora dona da casa, senhora dona da casa, vem receber a bandeira, vem receber a bandeira, ela vem de muito longe, de muito longe, pra chegar aqui nessa hora’. E assim recebemos alguma esmola”, lembra o senhor José Patrocínio de Oliveira (Seu Zezinho), de 86 anos. Ele que há anos atrás, quando assumiu a Folia de Reis de Paracatu de Baixo, disse “a Folia não pode acabar”, hoje, mesmo após a tragédia com o rompimento da barragem de Fundão, repete a mesma frase.

Integrante da Folia desde jovem, Seu Zezinho conta que tem anos que ele está como o tirador do grupo. “Toda a vida eu gostei e fiquei acompanhando a Folia de Reis. Com o tempo eu já sabia tudo e como as pessoas da Folia eram mais velhas, ficou para mim a responsabilidade de continuar. A Folia de Reis não podia acabar. Hoje eu só levo a bandeira e a caixa”, conta.

Com anos de história e tradição no sub-distrito de Monsenhor Horta, em Mariana, a Folia de Reis de Paracatu, instituída em 1961, percorria todos os anos as localidades de Furquim, Monsenhor Horta, Bandeirantes e Águas Claras, entre os dias 26 de dezembro a 5 de janeiro. No sexto dia do ano, o grupo retornava a Paracatu para o encerramento da manifestação. Em suas andanças, a Folia passava de porta em porta cantando e contando a história da visita dos Reis Magos.

Seu Zezinho lembra que em cada lugar que eles passavam o grupo era acolhido por uma pessoa. “A gente sempre ganhava comida, alguma esmola. E a gente sempre cantava para agradecer. Para cada pessoa tem um jeito diferente de agradecer. Se é criança a gente canta de um jeito, se é adulto de outro, se é uma donzela de outro diferente”, ressalta.

O mês de setembro

Outra época do ano que é esperada pela Folia de Paracatu é o mês de setembro. Todos os anos eles organizam uma grande festa em homenagem ao Menino Jesus com as ofertas recebidas nas andanças do grupo. “O dia dessa festa a gente sempre

marca com o padre. Não tem uma data certa, só que é em setembro. São dois dias de festa, sábado e domingo. Na festa tem muita música, o povo dança a noite toda. A Folia busca o mastro e leva até a Igreja, tem a missa e depois da missa nós levantamos o mastro”, explica.

O que a lama levou

Com o rompimento da barragem de Fundão, todos os instrumentos e fantasias do grupo foram levados pela lama, mas o amor e o carinho pela Folia continuam. Eles já adquiriram instrumentos novos. “Eu gosto muito dessa Folia. Se a gente não tivesse ganhando os instrumentos, mesmo só tendo a bandeira eu ia sair sozinho”, afirma Seu Zezinho, que mesmo com o futuro incerto sonha com o dia em e a Folia de Reis de Paracatu vai ser como era antes.

